

DESLIMITES ENTRE RESÍDUOS E MEMÓRIAS EM A MÁQUINA
DE FAZER ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE

BOUNDARIES BETWEEN RESIDUES AND MEMORIES IN A
MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, BY VALTER HUGO MÃE

Mary Nascimento da Silva Leitão¹

 0000-0001-6445-9863

Enviado em: 23/12/2023

Aceito em: 24/02/2024

Publicado em: 09/11/2024

RESUMO: A partir da voz do narrador-personagem de *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, é possível observar um perfil que se constitui imerso em dois movimentos: um interior e outro exterior. O primeiro se faz com a perda da esposa e todos os sentimentos que envolvem o período de luto da personagem. O segundo percorre as memórias da nação portuguesa, descrevendo uma coletividade representada pelo narrador silva². Com base nesse percurso, objetivou-se delinear o perfil do personagem que, ao contar a sua história, assumiu uma identidade coletiva construída pelas memórias de períodos que deixaram cicatrizes na nação portuguesa. Essas memórias vão além dos resgates de lembranças, sendo parte constituinte do próprio indivíduo, portanto, apresentando-se como resíduos e como parcela do processo de endoculturação. E, para se discutir acerca das memórias que a todo instante se atualizam e remodelam os indivíduos, apresentamos como principais contribuições as abordagens teóricas de Le Goff (2013), Hall (2006), Candau (2012), Pontes (2019). Verificou-se que as memórias descritas pelo narrador, ao longo de sua história, não só explicam a formação do sujeito que fala, mas estão dentro de um processo a ser apresentado gradualmente ao leitor. Assim, as referidas memórias estão vivas e são resíduos edificadores dos silvas, tanto dos que percorrem a narrativa quanto dos que estão fora dela.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Resíduo; *A máquina de fazer espanhóis*.

ABSTRACT: From the voice of the narrator-character of *A máquina de fazer espanhóis*, by Valter Hugo Mãe, it is possible to observe a profile that is immersed in two movements: one interior and the other exterior. The first is done with the loss of his wife and all the feelings that involve the character's mourning period. The second goes through the memories of the Portuguese nation, describing a collectivity represented by the narrator silva. Based on this path, the objective was to outline the profile of the character who, by telling his story, assumed a collective identity built by the memories of periods that left scars on the Portuguese nation. These memories go beyond the retrieval of memories, being a constituent part of the individual himself, therefore, presenting themselves as residues and as part of

¹ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: mary.nascimento@uece.br.

² O nome do personagem principal de *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, aparece, ao longo da narrativa, com inicial minúscula. Portanto, neste artigo, optamos por manter a escrita original.

the process of enculturation. And, in order to discuss the memories that are constantly updated and reshape individuals, we present as main contributions the theoretical approaches of Le Goff (2013), Hall (2006), Candau (2012), Pontes (2019). It was found that the memories described by the narrator, throughout his story, not only explain the formation of the subject who speaks, but are within a process to be gradually presented to the reader. Thus, these memories are alive and are edifying residues of the silvas, both those who run through the narrative and those who are outside of it.

KEY WORDS: Memory. Residue. *The Spanish Making Machine*.

Somos todos silvas neste país

somos bons homens. não digo que sejamos assim uns tolos, sem a robustez necessária, uma certa resistência para as dificuldades, nada disso, somos genuinamente bons homens e ainda conservamos uma ingênua vontade de como tal sermos vistos, honestos e trabalhadores (Mãe, 2016, p.25).

O narrador de *A máquina de fazer espanhóis* faz uso constante da primeira pessoa do plural, apresentando fatos que delineiam a constituição de um perfil não só individual, mas, coletivo. Silva mistura as suas memórias às ocorrências do presente da narrativa, mostrando claramente como os efeitos do passado deixam marcas nos sujeitos e como as circunstâncias promovem a transformação de suas identidades.

“**Somos todos silvas neste país**”, disse o narrador-personagem, dando-nos o mote para construir, na sequência da obra, a imagem de alguém que se revela, ao menos para o leitor, a partir do instante em que perde a esposa, o amor da sua vida. E, apesar de ser o silva de Portugal, ele também é brasileiro, como bem colocou Caetano Veloso, no prefácio do livro, fazendo referência tanto ao ex-presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, quanto a um suspeito de ter violentado uma moça, cujo relato passava no noticiário brasileiro ao mesmo tempo em que o artista escrevia sobre o livro de Valter Hugo Mãe. Esse decurso pretende despertar para o fato de que, embora tenhamos no livro nítidas referências à História de Portugal, o personagem transcende tal nacionalidade, desvelando a representação de um ser simplesmente humano. O romance escrito em minúsculas busca a generalização dos fatos que, aos nossos olhos, surgem inicialmente de modo bem singular:

o homem interrompeu o silêncio para me explicar que também se chamava silva, cristiano mendes da silva, e eu imediatamente pensei em nós dois como a frente e o verso, eu, antónio jorge da silva, e ele, o silva da europa, o peito inchado de orgulho como se tivesse conquistado tudo sozinho, continuou, somos todos silvas neste país, quase todos, crescemos por aí como mato, é o que é. como as silvas, somos silvestres, disse eu, obrigado a sorrir já como quem suplica uma trégua (Mãe, 2016, p. 27)

Mãe desconstrói a figura singela e pacata do idoso que vive a “feliz idade” cheio de fé e confiante da sabedoria adquirida.

Destacamos dois temas significativos para a construção da identidade de silva: a) a perda da esposa e a reflexão sobre a morte e c) a Ditadura Portuguesa. Observe-se que o primeiro se vincula especificamente à história do referido personagem e o segundo marcou a História de toda uma geração. Ambos não se distanciam entre si, pelo contrário, se entrecruzam e se complementam.

“Com a morte, o amor também devia acabar”

Depois de 48 anos ao lado de Laura, o homem que agora tinha 84 precisava reaprender a se encontrar no mundo. “Que vantagem existia, na verdade, em não ter morrido também?” (Mãe, 2016, p.33), questionou-se. Ele passou a conhecer uma realidade jamais imaginada: além de se encontrar distante, para sempre, de sua esposa, foi entregue a um lar de idosos pela própria filha. Pouco antes de tomar conhecimento da morte da companheira, silva discorreu acerca do sentimento que a ela direcionava, chegando a concluir que “o amor é para heróis”. Talvez esse momento já fosse um prelúdio acerca do período de amargura que lhe esperava. Por vezes, é possível pensar ser um caminho contrário, na verdade, ele é quem foi ao encontro da amargura:

com a morte, também o amor devia acabar, acto contínuo, o nosso coração devia esvaziar-se de qualquer sentimento que até ali nutrira pela pessoa que deixou de existir, pensamos, existe ainda, está dentro de nós, ilusão que criamos para que se torne todavia mais humilhante a perda e para que nos abata de uma vez por todas com piedade, e não é compreensível que assim aconteça, com a morte, tudo o que respeita a quem morreu devia ser erradicado, para que aos vivos o fardo não se torne desumano, esse é o limite, a desumanidade de se perder quem não se pode perder, foi como se me dissessem, senhor silva, vamos levar-lhe os braços e as pernas, vamos levar-lhe os olhos e perderá a voz, talvez lhe deixemos os pulmões, mas teremos de levar o coração, e lamentamos muito, mas não lhe será permitida qualquer felicidade de agora em diante (Mãe, 2016, p.35).

E todo o discurso de amor e de bondade - apesar da prematura consciência do mascaramento humano - foi substituído pelo desgosto causado pela dor da perda. Bruscamente lhe tiraram a tranquilidade futura. Ora, não há morte que não seja brusca, por mais que a julguem esperada.

Podemos, nesse ponto, retomar as ideias de Joel Candau (2012), em *Memória e identidade*, quando diz ser a memória que primeiro alimenta a identidade, fortalecendo-a tanto no âmbito individual quanto no coletivo. E, mais adiante, citando Isac Chiva, conceitua identidade como a consciência das “mudanças, crises e rupturas” (Candau, 2012, p.16). *A máquina de fazer espanhóis* se constrói com base na compreensão, por parte de silva, de que as dores podem permear uma vida inteira, e de que o amor,

quando não correspondido, não traz a leveza e a benfeitoria um dia imaginadas. Candau (2012) afirma que restituir a memória de um indivíduo que a perdeu é resgatar a sua própria identidade. Silva, ao pretender extinguir o amor junto com a morte, levamos a refletir sobre a necessidade de apagamento da memória, como uma esperança de supressão da dor. Isso, segundo a perspectiva do teórico referenciado, levaria ao apagamento da identidade. A personagem se constitui do próprio amor que sente pela esposa e não viver esse amor é como perder a si mesmo, fato que se comprova ao longo de toda a obra, quando Silva reconstrói um eu, que já nasce do sofrimento.

Joel Candau diz ainda que as identidades não se constituem a partir de um conjunto estável de características culturais: “são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socioambientais – situações, contexto e circunstâncias – de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de visões de mundo identitárias ou étnicas” (Candau, 2012, p.27). Ao interligarmos tal ideia à obra de Hugo Mãe, podemos notar o quanto a personagem em análise se edifica no contato com os outros membros do lar onde passou a viver. As relações entre os idosos, os enfermeiros e os médicos o fazem refletir a todo instante acerca do contexto no qual está inserido, enxergando com muita lucidez tudo o que vai perdendo nos âmbitos físicos e psíquicos. Rompendo com uma visão romantizada da velhice, Silva apresenta todos os percalços de uma fase sem liberdade, como se a ela não coubesse mais nenhum tipo de escolha.

A vida no asilo acontece com os que foram excluídos da sociedade. Portanto, de alguma forma, os moradores do lar se identificavam, seja pelas dores, pelas angústias, pelas loucuras ou pelo período da vida mais próximo da morte. De acordo com Kathryn Woodward, “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (Woodward, 2014, p.40). Portanto, observamos na obra em estudo que há uma identidade coletiva que se edifica a partir da reflexão acerca de uma realidade separatista, que aponta o afastamento de um grupo de idosos do restante da sociedade. E esse grupo, aproveitando-se do que lhe resta, transforma em linguagem o que há de comum entre eles, dialogando e compartilhando aquilo que é inerente à idade, tanto de uma maneira universal, quanto nacionalista. Em âmbito geral, eles dialogam muitas vezes sobre a morte que, sendo parte de seus pensamentos e projeções, se insere também na construção da identidade de cada um.

Ainda sobre a morte, é preciso lembrar que ela foi conteúdo de diversos diálogos e monólogos. E por haver um cemitério vizinho ao local onde passavam os dias, era comum também o olhar para ele e a ponderação sobre a condição da existência, como é perceptível no trecho a seguir:

Andar pelo cemitério é a última coisa de velho a entrar-nos na cabeça, é o que verdadeiramente nos torna velhos sem regresso, diferentes dos outros humanos. Afeiçoamo-nos à morte, é como se fôssemos cortejando a confiança dessa desconhecida, para nos encantarmos, quem sabe. ou para percebermos como lhe poderemos escapar ainda (Mãe, 2016, p.114).

Assim, o narrador aos poucos vai falando do costume de se viver em meio àquelas imagens fúnebres do cemitério, de modo que naturalmente passam a ler as placas e a ver as fotografias. E ao pensar nas pessoas que já se foram, pensam: “tão fácil vivermos esquecidos delas e como se torna tão cruel que assim seja. vemos os seus retratos, recordamos a simpatia do momento em que coincidimos, e depois medimos a distância a que estamos desses momentos” [...] (Mãe, 2016, p.115). A cruel constatação de que não se pode conservar tudo e todos na memória, muito menos na vida, por vezes domina a consciência do narrador, que se utiliza da primeira pessoa do plural para falar de um sentimento comum à velhice.

Todos eles, moradores do Lar feliz idade, perderam o direito de escolha e vivem de forma resignada ao que o espaço impõe, desde os bens materiais às regras gerais. Tudo isso aguça a reflexão sobre a individualidade e a generalização, aspectos norteadores da construção de identidade, que tanto se constitui daquilo que singulariza - como o próprio nome, por exemplo, como do que torna as pessoas semelhantes umas às outras - fazendo-as participarem de um mesmo grupo. No caso de *A máquina de fazer espanhóis*, o silva representa o comum, o coletivo. E tal ideia é retomada de maneiras diferentes para lembrar ao leitor a respeito de uma condição humana da qual ninguém foge: “o lugar de laura está igual aos outros. não tem nada de especial e se eu não a conhecesse não conseguiria convencer-me de que ela mereceria melhor” (Mãe, 2016, p.115). Silva também lembra da esposa do tempo em que estava viva - “quando entrava todos pressentiam a sua presença e procuravam-na” - apontando para a diferença de identidade que, em se tratando de Laura, aos seus olhos, era bastante singular. Mas, naquela condição universalizada, identificava-se com os demais, por mais diferentes que fossem em vida.

Naquele asilo, vida e morte estavam presentes. Embora, ambos, não concretamente. Nada se ligava à fantasia. Havia plena consciência da realidade cruel que aproximava a todos que conviviam naquele mesmo espaço. Ali encontrava-se o resultado de vivências transformadoras, como a de antonio silva, que o obrigava a ser outro desde o instante em que um pedaço seu fora embora.

“Somos todos fascistas e comunistas ao mesmo tempo”

Em vários momentos, o narrador-personagem retoma as memórias das vivências ao lado de sua companheira, desde quando decidiram viver juntos: “eu e laura começamos por pensar que nada nos faria mal. Que a custo nos tornaríamos úteis à

máquina social e estaríamos abrigados num tecto onde os nossos filhos nascessem com os nossos nomes portugueses e orgulhosos” (Mãe, 2016, p.95). Este trecho se insere em uma reflexão sobre o momento vivenciado em Portugal na época em que o casal iniciava o romance. Também deixa clara a importância da família e de que deveria, a todo custo, protegê-la. Isso justifica um fato ocorrido no período da referida ditadura. No tempo em que Antonio Silva era barbeiro, ajudou um jovem a fugir dos opressores, dando a ele estadia de uma noite no seu estabelecimento comercial.

O rapaz se tornou cliente fiel, como espécie de gratidão pela ajuda. Noutro momento, quando Silva foi interrogado por policiais acerca do jovem revolucionário, não negou os fatos, entregando-o aos salazaristas. Sua atitude, analisada já na “felicidade”, não foi das mais plausíveis, mas, foi necessária à proteção da família.

O acontecido, visto sob uma perspectiva individual, aponta para a única preocupação da personagem ao longo da vida: a família. Por ela, dedicou-se inteiramente ao trabalho e não construiu amizades, realidade que só foi pensada quando se viu em uma situação na qual os companheiros do lar eram a única satisfação e ocupação para vencer os dias.

Além disso, a memória resgatada por Silva indica um outro laço que une os idosos da obra de Valter Hugo Mãe, que é o fato de terem vivido numa mesma época, contribuindo para um compartilhamento coletivo das experiências e olhares acerca daquele momento. Trata-se de uma memória coletiva que, conseqüentemente, constitui uma identidade também coletiva. De acordo com Stuart Hall (2006), as culturas nas quais estamos inseridos, desde que nascemos, são os principais fundamentos da identidade nacional. Temos então uma sociedade que envelheceu e parte dela se encontrou num asilo, talvez, único ambiente possível para um encontro desse nível:

E quando o Silva da Europa nos falou de sermos fascistas e comunistas ao mesmo tempo eu pus-me a fazer contas para trás e a ver coisas, concluí também que a maior parte daquilo em que acreditamos nos dá medo e isso leva-nos a ficar de boca fechada, recordava-me bem do que me dizia naquela noite em que o conheci, que éramos todos livres de pensar as coisas mais atroz, isso não nos impedia de sermos vistos pela sociedade como bons homens e de sairmos à rua dignos como os melhores pais de família, um homem havia de ser medido pelos seus actos, pouco importando se dentro de casa era feito àquela mariquice de acreditar em Deus ou da macheza cretina de se ligar aos malfeitores, estejam eles escudados numa igreja ou num governo, éramos por igual todos cidadãos da mesma coisa, a andar para a frente com os instintos de sobrevivência a postos como antenas, eis a emissão certa, a propaganda que não podíamos dispensar, sobreviver, segurarmo-nos, e aos nossos, e abrir caminho até à morte dentro. essa é que era a essência possível da felicidade, aguentar enquanto desse (Mãe, 2016, p.131).

É perceptível que o silenciamento, em governo ditatorial, é questão de sobrevivência. Silva vai além ao tratar das roupas a serem vestidas para seguir um padrão esperado pela sociedade, principalmente nos âmbitos religioso e governamental. Eram livres para pensar. Mas não para ir à rua de qualquer jeito. E nesse aspecto todos são iguais, só desejam “andar para a frente com instinto de sobrevivência”. E caminhando em direção à morte, encontrariam nesse equilíbrio a possível resposta para a felicidade.

O encontro entre memórias e resíduos

A *máquina de fazer espanhóis* tem início com o personagem-narrador vivenciando seus oitenta e quatro anos. Todas as histórias vividas antes dessa etapa de vida do senhor silva surgem na narrativa como *memória*. Le Goff, em *História e Memória*, afirma que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. (Le Goff, 2013, p.387). Assim, as lembranças do personagem-narrador são descritas e reinterpretadas segundo o novo indivíduo que se encontra em uma situação completamente diversa daquela do tempo em que as experienciou. Não só o presente molda o indivíduo, mas, neste caso, sobretudo, as memórias retomadas, que passam a ser vistas e avaliadas de outra forma.

Silva nunca havia imaginado viver sem a sua esposa, nem longe do seu lar e da sua família. A nova vida que é inaugurada de modo brusco, a partir de uma grande dor e em meio ao luto, é moldada na vivência em um novo espaço e com pessoas com as quais ele nunca havia tido contato. Essa grosseira transformação faz parte do processo de *endoculturação*. Embora nem todos os indivíduos sofram o que silva sofreu, o processo em si, de mudança a partir do que a sociedade oferece, trata-se de um movimento natural a todos os sujeitos. Segundo Roberto Pontes, a endoculturação:

Consiste em assimilarmos a cultura existente antes de nós a fim de que possamos sobreviver e sonhar. A endoculturação é, portanto, o processo pelo qual assumimos o que os outros produziram culturalmente, daí não sermos originais na cultura e nem na literatura e sermos sempre o que os outros foram. É assim que nos historicizamos e criamos as supremas obras do artifício humano (Pontes, 2017, p.17)

O personagem principal da narrativa de Mãe teve que se adequar aos parâmetros do Lar feliz idade e aceitar toda a organização cotidiana pensada e formulada sem a sua intervenção. A realidade imposta também contribuiu com a transformação identitária deste homem que um dia sonhou com um futuro diferente. A mudança

aconteceu de fora para dentro, dentro de um contexto no qual tradicionalmente e culturalmente os idosos são excluídos da sociedade.

Imerso numa situação de desconforto, o senhor silva busca o encontro consigo mesmo através de memórias de um passado feliz. Esse passado inclui a vida compartilhada com a esposa Laura e, também, as nuances experienciadas na tentativa de salvar a sua família dos desmandos da ditadura salazarista³. Ao retomar estas memórias analisa os fatos e pensa sobre o porquê de ter agido do modo como agiu. Ele reflete sobre a necessidade de aparentar ser um “bom homem” e comenta acerca do fascismo que encoberta a figura dos portugueses.

Observa-se que as memórias não são retomadas como simples lembranças intactas do passado. Elas têm vida, se movimentam e transformam o senhor silva, que cada vez mais se enxerga como um indivíduo cheio de falhas e capaz das maiores atrocidades. É nesse ponto que se encontra a aproximação entre memória e resíduo. Este, “para a Teoria da Residualidade, é o que resta, o que remanesce de um tempo em outro, seja do passado para o presente, seja por antecipação do futuro” (Pontes, 2017, p.14). Os resíduos, na narrativa de Mãe, fazem reviver fatos que transbordam uma vivência individual. Eles são parte de uma memória coletiva e se manifestam nas pessoas que compartilham o mesmo lar de idosos, por terem vivido numa mesma época. A memória da ditadura portuguesa está imbricada em cada idoso. E, embora cada um tenha vivenciado o momento histórico de modo diferente – alguns mais intensamente que outros – há em cada um deles um traço, um efeito, uma marca desse fato.

Michael Pollak, em *Memória, esquecimento e silêncio* (1989), aponta a existência de dois tipos de memórias: a) memória oficial e b) memória subterrânea. A primeira se pretende universal, é ensinada nas escolas, propagada socialmente; a segunda, é a que se encontra na realidade dos que sofreram, vivenciaram violências, opressões, torturas. Esta é a História que não se conta.

No Lar feliz idade, encontram-se uma memória subterrânea que residualmente é parte dos membros compartilhadores do mesmo espaço. São resíduos porque estão vivos, porque não foram esquecidos, porque ainda agem e transformam os indivíduos no presente. Essas memórias continuam agindo sobre a endoculturação dos sujeitos que lá vivem.

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os

³ O Governo salazarista foi projeto político do Estado Novo que incutia a ilusão de uma essencialidade portuguesa. Era necessário agir segundo o aparelho do Estado, fortalecido pela tríade Deus, Pátria, Família. Os portugueses passaram a ser parte de um “grande cenário de legos”. Tinham o apoio do PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) para os dissidentes.

esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (Le Goff, 2013, p.387).

Isso justifica o isolamento vivido pelo Lar feliz idade, cujo próprio espaço possuía uma organização que levava cada morador, futuramente, ao esquecimento. Quando as famílias abandonavam seus entes e deixavam de repassar os custos para o Lar, os idosos eram relegados ao abandono em quartos mais afastados e isolados. Esse esquecimento está pautado pela memória subterrânea descrita por Michael Pollak.

Para Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social restabelece, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (Bosi, 2009, p.23).

O tempo de atuação do idoso na sociedade vem se ampliando de forma significativa, todavia, o que destacamos aqui é o valor social atribuído a ele. Em sociedades tradicionais, o idoso é guardião das tradições. E é através da memória que os elementos da tradição, bem como os fatos históricos e as suas diferentes visões são resguardados. “A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações” (BOSI, 2009, p.9). Portanto, em *A máquina de fazer espanhóis*, notamos a relação construída entre passado e presente, de modo a reformular uma visão de mundo, de modo reconstruir indivíduos, moldando identidades.

Enfim, somos genuinamente bons homens

A Silva, e porque não dizer silvas, se constitui, desde o princípio de *A máquina de fazer espanhóis*, como um ser duplo. A obra apresenta o momento da brusca desconstrução de um indivíduo que nunca havia projetado viver sem a esposa, havendo nessa apresentação, um antes e um depois do personagem. Este, ao chegar no lar de idosos, escolhe ficar em silêncio durante um tempo, vivendo a sua tristeza de boca fechada⁴. E quando resolve dialogar com os companheiros, as palavras transcendem o imaginado, fazendo surgir amizades que passam a compartilhar suas memórias. Ele se movimenta então do silêncio à palavra, da resignação à reflexão consciente acerca do estado em que se encontra. Esse percurso é construtor da

⁴ Encontramos na expressão “boca fechada” uma metáfora para o próprio momento ditatorial, sobre o qual a obra de Mãe faz tantas referências. Silva fala dos bons homens como aqueles que fecham a boca e vivem sob máscaras efetuando o papel social que cabe a cada cidadão de bem.

identidade de um ser que se faz coletivo desde o nome e que, simbolicamente, revela a condição de indivíduos que são postos à margem da sociedade.

Pensando a memória na perspectiva de Candau, como uma “construção continuamente atualizada do passado” (Candau, 2012, p.9), é notável que a obra de Valter Hugo Mãe foi edificada numa relação constante entre o que foi e o que é. As memórias dos idosos se unem em prol da construção da identidade de um representante social que figura de maneira realista apresentando possíveis sentimentos e angústias que a sociedade busca esconder. Assim, a identidade de silva é edificada nas diversas relações com os outros membros do lar em que vive e, também, na sua interligação com o passado.

Esse passado surge residualmente através das memórias que não são só resgatadas, recontadas, mas, são transformadoras, pois têm influência no percurso de reconstrução do silva. As atitudes do passado aparecem, algumas vezes, como justificativas para as reações do presente. Silva, seja nos instantes de silenciamento de si ou do outro, aparece também como uma pessoa cruel, revestida como tantos outros cidadãos: de um homem genuinamente bom.

A narrativa de Mãe reconfigura a imagem comumente propagada do idoso e leva o leitor a olhar ao mesmo tempo para o passado e para o futuro, refletindo sobre as máscaras sociais que diariamente nos revestem e, conseqüentemente, sobre a essência escondida e lapidada pelos fortes tempos vividos.

Referências

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*; tradução, Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2013.
- MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- POLLAK, M. *Memória, esquecimento e silêncio*. Tradução de Dora Rocha Flaksman. *Estudos históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.
- PONTES, Roberto. “A propósito dos conceitos fundamentais da teoria da residualidade. In: PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias.; CERQUEIRA, Leonildo. (et.al.). *Residualidade e intertemporalidade*. Curitiba: CRV, 2017.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In T. T. Silva (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (7ª ed., pp. 7-72). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.